UFC 40 Anos

Homem educado deve ser fermento social

J. C. Alencar Araripe

Ouve-se, com freqüência, que a vida começa aos quarenta. De tanto escutarmos o dito popular, e dele também nos utilizarmos, em ocasiões diversas, até parece que representa uma sentença consagrada e irrecorrível. E ao atingirmos essa idade, que seria a idade de ouro, sentimo-nos, talvez por força da impressão, como se penetrássemos em fase excepcional da nossa existência.

Por que a vida haveria de começar aos quarenta? A infância, distante e descuidada, é vida. E a recordamos com tanto enlevo e emoção, que felizes nos sentimos quando os filhos nos levam ao reencontro com o passado. Por que desconhecermos as vibrações, o turbilhão, as paixões que sacodem a juventude, com frêmitos incontroláveis, na ânsia do desconhecido, que é sugestão, sonho e obsessão? Por que ignorarmos a mocidade, plena de energia, aspiração, entusiasmo e vontade de afirmação?

Não, a vida não começa aos quarenta. Ela começa no instante em que se inicia o processo prodigioso da fecundação e se prolonga, enquanto bate o coração, em fases distintas, mas que intimamente se entrelaçam, na comunhão dos fenômenos que regem a natureza.

Se a vida, nas cogitações da pessoa humana, não começa aos quarenta, muito menos haveria de admitir-se o contrário no plano das organizações, sejam de que caráter forem, e que englobam atividades as mais variadas, componentes do concerto geral.

Quando se trata de uma universidade, com maior razão ainda. Na sua própria definição, projeta-se a essência do que representa como conjunto de escolas e faculdades com a

função precípua de assegurar a conservação e o progresso do conhecimento. Para o seu surgimento, indispensável, pois, o pressuposto da existência de condições mínimas, no caso, o funcionamento de unidades de ensino superior. A conquista desse estágio não se fez de um salto. Exigiu lutas que não conheceram tréguas ou armistícios. E mais se intensificavam quanto mais avançávamos. E requeriam maiores e mais aguerridas legiões quanto mais ganhávamos terreno e ocupávamos novas posições. E impunham o dispêndio de recursos sempre em crescendo quanto maior era o empenho de servir dentro de avançadas concepções técnicas que vitalizam o ensino e o colocam à altura das comunidades evoluídas.

No Ceará, a lenta gestação universitária tivera início em 1903, com a criação da Faculdade de Direito; prosseguira com a Faculdade de Farmácia e Odontologia, em 1916; dois anos depois, surgiria a Escola de Agronomia; muitos anos decorreriam para concretizar-se o sonho da Faculdade de Medicina, implantada em 1948. Pela Lei nº 2.373, de 16 de dezembro de 1954, sancionada pelo Presidente Café Filho, era criada a Universidade do Ceará, constituída dos quatro estabelecimentos acima nomeados. Com lastro de respeitabilidade, congregando expressões de cultura e valor técnico, tinham cumprido papel relevante na formação de várias gerações. A mais nova das Faculdades, a de Medicina, diplomara apenas duas turmas, mas já desfrutava nomeada; as três outras, Direito, Farmácia e Odontologia e Agronomia, podiam ser citadas como tradicionais.

Posteriormente, a Escola de Engenharia, recém-criada, veio a compor a Universidade, à qual se agregariam as Faculdades de Filosofia, de 1947, e a de Ciências Econômicas, de 1939, as Escolas de Enfermagem São Vicente de Paulo, de 1945, e a de Serviço Social, de 1950. Mantidas pelos cofres públicos da União ou do Estado, ou pela iniciativa privada, significavam muito, sem dúvida alguma, mas estavam dispersas, cada qual cuidando dos seus afazeres restritos,

com maior ou menor desempenho, conforme as disponibilidades financeiras. A Universidade estabeleceria homogeneidade na diversidade e, sob a égide do Governo Federal, propiciaria ao ensino superior alargar as suas bases dentro da modernidade que se impunha.

A universidade era vista, assim, com indisfarçável simpatia. A partir de certa etapa, com vigoroso entusiasmo. Porque logo se consolidou a convicção da importância do empreendimento e da sua viabilidade, pelo suporte acadêmico que existia e pelo apoio que granjeou na classe política e em setores clarividentes da sociedade.

O Brasil chegara à universidade demasiado tarde. Quando se sabe que a Universidade de San Domingo, a chamada Universidade Primada da América, é de 1538, a do México, de 1553, e a de San Marcos, no Peru, de 1665, difícil acreditar que em nosso País, de tanto potencial, somente se veio a conhecer universidade na década de trinta.

Não adianta perquirir as causas do atraso, que vão, num leque de amplitude descomunal, do tipo de colonização adotado à civilização autóctone, aqui e nas paragens latino-americanas citadas. Muito menos, invocar o capcioso argumento de que a dianteira de séculos não favoreceu o desenvolvimento, haja vista a crise contemporânea nas regiões pioneiras a que aludi.

A enunciação de datas tem mais a finalidade de fixar-nos no tempo e justificar a pressa com que é reivindicada a concretização de certos cometimentos, que se nos afiguram o *abre-te, sésamo*! da idade de ouro que almejamos.

Ortega y Gasset atribuía à Universidade três objetivos: conservação e transmissão da cultura; ensino das profissões; ampliação e renovação de conhecimento. Ainda há os que a preconizam enclausurada, desatenta às angústias do dia-a-dia, não faltam os que se fixam no outro extremo, a universidade politizada, invadida pelos gritos e paixões da rua; o sociólogo José Medina Echavarria preconiza a universidade participante. Não deixaria de ser um centro de saber,

o "lugar onde se adquire a mais clara consciência da época", mas não faltaria às suas responsabilidades novas e crescentes em uma sociedade que deseja mudar, que deseja mudar para melhor. Em países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, como o nosso, exige-se da universidade atuação vinculada às tarefas de superação do atraso tecnológico e da angustiosa conjuntura social, assumindo o papel de matriz das transformações estruturais que abram espaço ao desenvolvimento integrado. Foi o que prevaleceu entre nós, como concepção.

Não se podia admitir uma universidade divorciada do meio em que se situa. Porque seria uma universidade alienada, atuando como se estivesse num mundo abstrato, insensível à realidade que a cerca. Sem despojar-se dos seus atributos intrínsecos como central do saber, do ordenamento da cultura e da formação de recursos humanos qualificados, a Universidade deve procurar servir à região a que pertence e nela haurir experiência que se transforme, à luz da ciência, em novas contribuições à evolução consciente e progressista.

Fermento social

O Professor James A. Perkins, que ocupou a presidência da Universidade de Cornell, no Estado de Nova Iorque, afirmou que "a idéia da universidade como instrumento eficaz de reforma social foi perigosamente exagerada", levando a expectativas que não se concretizaram e que não podiam ser atingidas. Até onde seria aplicável entre nós a tese do educador norte-americano? Sugere, pelo menos, um momento de reflexão.

Seria uma inverdade afirmar que a Universidade do Ceará tem cumprido, de maneira cabal, sua alta destinação. Mas seria um disparate negar a influência benéfica que a Universidade há exercido, não obstante os fatores negativos que influenciam o meio. Afinal, o sistema universitário, no mundo inteiro, vive uma crise que se atribui, em parte, ao período de transição pelo qual passamos. Como supor que

neste Brasil, que tão tarde alcançou foros universitários, e que se ressente de um plano de educação global, ungido de racionalidade; como aceitar que neste Nordeste, desajustado pela inclemência da natureza e à falta de uma política objetiva e persistente para enfrentar o flagelo, a Universidade tenha atingido posição que em outras terras menos atribuladas não logrou ainda desfrutar?

Apesar de todos os percalços, induvidoso o papel relevante desempenhado pela Universidade Federal do Ceará no plano da formação profissional e da difusão da cultura. Técnicos de alto gabarito têm sido formados, ao longo dos anos, e "o homem educado é o fermento em nossa massa social", na conceituação do citado Professor Perkins, que acrescenta: "O homem educado pode não ter as respostas, mas ele tem o estilo que é mais capaz de produzir as respostas."

Uma outra indagação: o homem educado da Universidade tem sido fermento na massa social? Socorro-me da filosofia simplista do Padre Cícero, que recomendava aos seus fiéis devotos: Quem pecou não peque mais; quem roubou não roube mais; quem matou não mate mais. Parodiando o Patriarca de Juazeiro, não seria um despropósito aconselhar: quem não foi fermento que procure ser: a messe é vasta. Invoco Bernard Shaw: "Os melhores reformadores que o mundo já viu foram aqueles que começaram por reformar a si mesmos."

Colaborando com o Tempo

Coincidentemente com os quarenta anos da Universidade do Ceará, comemoram-se os noventa anos do seu primeiro Reitor, Professor Antônio Martins Filho. Idade longa sempre esteve entre as maiores aspirações do homem. E quando ela é atingida com a lucidez e a fortaleza de ânimo do eminente nataliciante, melhor ainda para a celebração efusiva. Cícero já dizia que "a consciência duma vida bem vivida e a lembrança dos muitos benefícios realizados são agradabilíssimas."

O nome do Dr. Martins está intimamente ligado à Universidade do Ceará não só por ter sido o primeiro Reitor, e por quatro períodos sucessivos. Há outros laços que o prendem à instituição, entretecidos ao longo dos anos de paciente arregimentação, desde quando o trabalho era circunscrito ao âmbito estadual, no Governo Faustino de Albuquerque, até quando se estendeu aos círculos federais, onde avultou a atuação do deputado Paulo Sarasate, dotado de dinamismo excepcional, prestigiadíssimo no Congresso Nacional e nos gabinetes ministeriais e amigo particular do Presidente Café Filho, tendo a secundá-lo no Ceará o jornal de que era dirigente e que espelhava em suas páginas a orientação que dele emanava, identificada com as causas do interesse da terra natal.

Envolvido no papelório dos planos e memoriais, o Dr. Martins Filho mais parecia um visionário. Na verdade, porém, confirmava-se nele a sentença de Henry Ford, que citei noutra ocasião, no tocante à mesma personalidade, mas que renovo agora por ser altamente expressiva e encerrar permanente lição: "Todo aquele que pára, esperando que as coisas melhorem, verificará que aquele que não parou e colaborou com o tempo está tão longe que jamais poderá ser alcançado."

O Reitor atual, Professor Antônio de Albuquerque Sousa Filho, também não parou à espera de dias melhores e colaborou com o tempo. Por isso mesmo, pode comandar os festejos dos quarenta anos da Universidade com a alma leve porque com a saudável sensação do dever cumprido.

A borrasca interna não o deteve, como não o paralisou a trama de que resultou o impedimento de um presidente; passou ao largo das inquietações e mudanças governamentais; a administração universitária teve criatividade para superar carências; foi benéfica a experiência haurida na vivência acadêmica, cujos parâmetros prevaleceram no relacionamento ditado pelo bom senso.

Operou-se uma transformação na Universidade que surpreende: estrutura física recuperada; bibliotecas com novas instalações e seu acervo aumentado; laboratórios ganharam

em eficiência. A informatização, uma das maiores conquistas da modernidade, está presente na instituição com o seu Sistema de Automatização Universitária (SAU) na área administrativa; com a coordenação da Rede Estadual de Pesquisa integrada à Rede Nacional de Pesquisa, o que lhe assegura ligação aos centros de pesquisa do País e do Mundo; com os cursos dotados de laboratórios informatizados para estudo e aprendizagem dos alunos. A informática é a pupila do Magnífico Reitor...

Se a intenção é fixar o alcance dessa realidade basta atentarmos para o que alguém já conceituou como magia tecnológica das imagens criadas pelo computador e que inspirou avanços na física, na medicina, na arquitetura, na engenharia, no jornalismo e outros campos de manifestação da inteligência e do saber.

Merece citação como fato auspicioso o esforço empreendido no sentido de aproximar a Universidade da sociedade em que está inserida. Com esse objetivo verificou-se a implantação do Escritório de Transferência Tecnológica, cuja finalidade o nome já expressa, e do Parque de Desenvolvimento Tecnológico, para apoio às novas empresas; revitalizou-se, em associação com o Sistema Nacional de Emprego, o empenho em prol de estágio para estudantes na empresa privada; há programas para execução de projetos que beneficiam comunidades rurais; a I Feira de Ciência, Tecnologia, Saúde e Educação, no Centro de Convenções, foi uma mostra das potencialidades da Universidade, e atraiu público considerável.

Se procedermos a uma avaliação tendo em vista nossas necessidades, claro que a conclusão é de que se fez pouco, muito pouco; desalentados ficaremos se invocarmos o desempenho da Universidade de São Paulo, que ofereceu no ano passado 2.874 programas de repercussão comunitária. Valenos, pelo menos, o acerto da diretiva apontada e na qual cumpre persistir, alargar e aprofundar metas.

O desafio do século

A marca mais saliente da contemporaneidade é a rapidez com que se processam as mudanças. Num mundo interdependente, a tecnologia é a revolução do século. Ou nos preparamos para uma proveitosa parceria, e com ela darmos saltos de qualidade, ou sucumbiremos no vazio da incompetência.

Enquanto se constata a incompreensível lentidão da Universidade no encaminhamento da reforma curricular, que é imperiosa, a classe empresarial não dorme sobre louros, mobiliza-se, investiga, cerca-se de consultorias, ora avança para o que se convencionou chamar de qualidade total, ora investe na teoria da reengenharia. Por isso mesmo, aumenta o poder de sua competitividade interna e externa.

Cumpre ao Estado Brasileiro, e com ele a Universidade, enveredar pela mesma senda, não se acomodando com êxitos episódicos. Antenas permanentemente ligadas em todas as direções, tente avantajar-se na percepção do norte em que sopram os ventos das mudanças, a fim de evitar que o Brasil, mais uma vez, perca na corrida que leva ao desenvolvimento integrado. Porque, até hoje, chegamos atrasados, e isto no plano político, econômico, administrativo, educacional. No social, então, soa como irrisão a decantada legislação trabalhista, uma das mais adiantadas da terra, como se apregoava, e à sombra da qual se bafejava o operário da cidade, mas consentia-se que se perpetuassem o atraso e a pobreza da população agrária. A discriminação arrefeceu em época mais recente, depois de causar, porém, prejuízos irreparáveis, com repercussão, sobretudo, no crescimento demográfico excessivo dos centros urbanos, uma tendência do século, agravada entre nós por fatores altamente negativos.

Deparei-me, não faz muito, com dois trabalhos que me despertaram viva curiosidade. Um era assinado pelo peso-pesado da indústria, Antônio Ermirio de Morais; escrevera o outro o envolvente deputado federal Aloísio Mercadante;

o primeiro intitulava-se "Educação, pelo amor de Deus"; o segundo tinha este título: "Educação, exigência da economia contemporânea"; apesar da diferença ideológica que os separa, ambos convergiam para a mesma vertente.

Estamos às portas do MERCOSUL e na perspectiva de um mercado continental na virada do século, o que assusta até o Presidente eleito, como se noticiou, e modifica a sua visão ministerial. E isso, mal saímos da campanha sucessória. É a dinâmica de hoje, é o vertiginoso ciclo de mudanças a que nos achamos expostos pelo milagre da tecnologia. Já não se anuncia a sociedade pós-industrial?

Quais são as nossas chances? Valho-me de luminosa mensagem de John Kenneth Galbraith: "Tanto quanto se sabe, não há lugar algum no mundo onde uma população bem educada seja verdadeiramente pobre."

Magnífico Reitor, Senhores Conselheiros:

Quarenta anos da Universidade! Na evolução biológica do homem, é a maturidade, que cientistas apontam como a idade de ouro; que seja também a idade de ouro da Universidade Federal do Ceará!

(Oração proferida no Auditório Castello Branco, no dia 16 de dezembro de 1994, na sessão especial do Conselho Universitário da Universidade Federal do Ceará, comemorativa do 40° aniversário da instituição).

Já me ocupei da administração do reitor Antônio Albuquerque em oportunidade outra. Foi por ocasião da sessão especial do Conselho Universitário comemorativa dos 40 anos da UFC. Não lhe faltei com reconhecimento e aplauso na oração então proferida.

Agora, 2 de junho de 1995, após ouvir a sua prestação de contas perante o Colegiado maior, na véspera de deixar o cargo que soube enaltecer, convence-me o senso de justiça que mais uma vez devo ressaltar a operosidade e o descortino revelados ao longo dos quatro anos decorridos.

Sinto-me bem em fazê-lo porque da gestão que comandou, sem desfalecimento, direi melhor, com determinação e

entusiasmo, resultaram benéficos efeitos na vida da instituição, que ampliou foros de modernidade e dilatou seu raio de ação. A Universidade foi sacudida por frêmitos operacionais que surpreendem em época de crise e desalento, como a que vivenciamos.

Falar na Universidade sugere algo além de simples desabafo de amigo, a que se ligam antigas relações entretecidas por familiares de saudosa memória e que souberam cultivar afeição mútua. Dois nomes lembraria com unção: Jeferson Albuquerque e Antônio de Alencar Araripe, duas personalidades vocacionadas ao serviço da comunidade. Ademais, não esquecer os liames que nos prendem sentimentalmente à Universidade, pela atividade nela desenvolvida e por ser o estuário através do qual filhos e netos ganham a cidadania do saber. A Universidade é o fórum por excelência para o debate e o cenário ideal onde se rasgam horizontes, além do factual acanhado. Daí por que ontem como hoje, envolvo-me, embora de relance, com a realidade circundante e mostro-me sensível ao anseio de transformações e melhorias para varar com sucesso os caminhos do futuro.

O reitorado que termina aumenta a responsabilidade do que está prestes a começar. A Universidade deve incorporar aos seus procedimentos a dinâmica da reavaliação permanente em busca da qualidade.

Em abril, realizou-se em Salzburgo um seminário sobre ensino superior promovido pela Unesco. Reuniram-se 72 especialistas de 37 países para estudar e desenhar as perspectivas da universidade do século 21. Depoimento do professor Arthur Nestrovski, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, ressalta que nas discussões do seminário, com relação ao Brasil, convergência aponta no sentido de que é preciso mudar logo. Não podemos suportar mais estruturas carregadas de conservadorismo, em termos de or-

ganização de trabalho, nem o caráter fortemente corporativo dos professores.

Atente-se para um censo do Ministério da Educação de 1993: existiam 873 instituições universitárias no País, mas apenas 1,5 milhão de alunos freqüentavam os cursos de graduação numa população de 160 milhões. Não há imaginação e decisão política, sublinha Arthur Nestrovski, para oferecer outras formas de ensino, como a educação à distância, não obstante as estupendas conquistas da tecnologia.

À Universidade, como matriz do pensamento criador, incumbe estar atenta à marcha das idéias renovadoras e aos exemplos que repontam como indicadores de comportamento, aqui e noutras paragens do mundo. Não só com relação ao ensino superior, mas, e sobretudo, no tocante à educação fundamental, que continua, apesar da retórica enfunada, constrangedora decepção.

O reitor Antônio Albuquerque e sua equipe encerraram o seu mandato em meio a manifestações de simpatia, compreensão e louvor. Os votos que se formulam, no momento, são por que não esmoreçam os esforços no sentido de conservar a Universidade Federal do Ceará no patamar de eficiência e credibilidade a muito custo conquistadas.